

GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICADA

por uma associação de facultativos

1616

2.ª SERIE — VOLUME III

BAHIA

Officina litho-typographica de J. G. Tourinho

1876

REDACTOR PRINCIPAL

Dr. A. Pacifico Pereira, substituto da secção de sciencias
cirurgicas da Faculdade de Medicina e cirurgião
adjunto do Hospital da Caridade

REDACTORES AUXILIARES

Dr. J. F. da Silva Lima, medico effectivo do Hospital
da Caridade

Dr. J. L. d'Almeida Couto, substituto da secção de
sciencias medicas da Faculdade de Medicina e medico
effectivo do Hospital da Caridade

Dr. A. J. P. da Silva Araujo, medico adjunto do
Hospital da Caridade

Dr. M. Victorino Pereira, lente substituto da secção
de sciencias accessorias da Faculdade de Medicina

GERENTE

Dr. P. P. da Costa Chastinet, medico adjunto
do Hospital da Caridade

GAZETA MEDICA DA BAHIA

Publicação mensal

ANNO X

JANEIRO, 1878

N. 1

ZOOLOGIA MEDICA

=

R 5105

PROPOSITO DE «UM NOVO ACARIANO»

Pelo Dr. Silva Araujo.

No numero 4 do *Progresso Medico*, de 15 de Dezembro do anno proximo findo, e sob a epigrapha—*Um novo acariano*, publicou o Dr. Pedro Severiano de Magalhães, distincto medico bahiano, presentemente exercendo a profissão na Côrte, um interessante artigo, em que noticia o descobrimento feito por elle aqui, em 8 de Março do anno passado, de um acariano, que considera distincto de todas as numerosas especies até hoje descriptas na sciencia.

N'esse artigo diz o distincto collega que de ha muito se occupava em estudar o acariano, reservando-se, sem duvida, para mais tarde noticiar seu descobrimento e dar a descripção do animalculo.

Deparando, porém, no numero 11, de Novembro de 1877, da *Gazeta Medica da Bahia*, com um artigo, em que, accidentalmente, referia eu ter por vezes encontrado, de envolta com a lympha de um escroto elephanciaco e lymphatico, e juntamente com as *filarias Wuchereri*, um acariano, apressou-se o Dr. Pedro de Magalhães em publicar suas antecedentes investigações.

Depois de descrever a historia do acariano desde a data em que o descobrio, e dado as medidas de todos

os individuos que encontrou, pergunta o Dr. Pedro de Magalhães:

«Será o *acarus* por mim observado na urina o mesmo que menciona o Dr. Silva Araujo?»

O presente artigo é destinado a responder á pergunta feita pelo meu distincto collega, servindo ao mesmo tempo para explicar: 1.º Porque tão superficialmente tratei do assumpto em meu anterior escripto; 2.º porque não me attribui a paternidade do descobrimento; e como esta ultima parte se refira de perto aos primeiros topicos da communicação do Dr. Pedro de Magalhães, por ella começarei.

Os motivos que me levaram a indicar tão somente o encontro do acariano, sem ligar ao facto grande importancia, foram de duas ordens.

Em primeiro lugar não me pareceu que animalculos com aquella configuração fossem entozoarios, e nem me consta que se tenha como tal descripto até hoje um só acariano. Demais as circumstancias em que eu o achava no meu doente levavam-me, com todos os visos de certesa, a consideral-o, ou extranho ao individuo ou, se parasita d'elle, unicamente epizoario. De facto, o doente tinha uma affecção escrotal, que colloca a pelle desta região em condições de poder perfeitamente aninhar uma pleiade de semelhantes parasitas. Os sulcos que ficam entre as excrescencias cutaneas ou tuberculos, como alguns consideram, constituem uma cousa bem parecida com as *galerias* em que nos sarmentos habita o *acarus scabiei*. Pareceu-me, pois, que se tra-

1.—O *demodex folliculorum*, que poderia ser apontado como parasita interno do homem, não é, comtudo, um entozoario no sentido restricto da palavra, como as filarias, por exemplo, que habitam as rédes lymphaticas e o systema vascular sanguineo. O *demodex folliculorum* não vae além do folliculo sebaceo, especie de *cul-do-sac* da pelle. Parece formar a transição entre os verdadeiros epizoarios e entozoarios; e essa transição se nota tambem nas formas do parasita, que se modificam, afastando-se muito do typo geral dos acarianos, a ponto de chamal-o Moquin-Tandon—*arachnide degradado, de forma helminthoide*. Gervais e Van Beneden collocam-no na classe dos *arachnides*, ordem dos *acarides*, familia dos *demodicideos*, genero *demodex*.

tava de acarianos alojados n'essas fendas, e levados á lamina do microscopio pela lymphá, que, quando puncionadas as vesículas, escorria por sobre a pelle circumvisinha.

Em segundo lugar receiei apresentar o animalculo como novo, sabendo que é extraordinario o numero de acaros descriptos até hoje.

Não poderia muito bem dar-se que mais tarde se viesse a reconhecer, que a especie dada como nova era já de muito descripta e conhecida?

Agora a razão porque não me attribui a paternidade do descobrimento.

Quando referi ao Dr. Silva Lima o facto da coexistencia, nas preparações frescas da lymphá escrotal do meu doente, de um certo acariano com as filarias, disse-me este illustrado clinico não ser o facto novo, pois desde os primeiros estudos de Wucherer sobre a hematuria, lhe havia esse notavel observador referido ter encontrado um acariano, cuja existencia ali lhe parecia sobremodo extraordinaria. Disse-me então mais o Dr. Silva Lima, que o anno passado o Dr. Pedro de Magalhães lhe havia mostrado tambem um acariano, em preparações provenientes de urinas hematuricas.

Se na minha observação nada disse eu a este respeito, nem citei o Dr. Pedro de Magalhães, como o segundo que no Brazil encontrou este acariano, creia o meu collega que foi simplesmente pelos já allegados motivos de não ligar grande importancia ao animalculo, como representando um papel qualquer na hemato-chyluria, e por não saber se de facto se trataria de uma especie nova.

Uma vez, porém, que o illustre collega deseja estudar cuidadosamente este acariano, e como me pareçam altamente convenientes todas as pesquisas a emprender, no intuito de esclarecer as difficeis questões que se prendem ao estudo da hemato-chyluria, concorrerei da melhor vontade com o meu fraco contingente, come-

quando por noticiar tudo quanto em referencia ao acariano em questão tenho até hoje observado; certo como estou de que o distincto collega, com as luzes de sua bella intelligencia e o grande cabedal de conhecimentos que, aqui e na Europa, amontoou, grande incremento pode dar á pathologia brasileira.

Foi a 16 de Outubro do anno passado que eu encontrei pela primeira vez um acariano nas preparações da lymphá escrotal fresca, extrahida do doente cuja observação foi publicada no n. 11 da *Gazeta Medica da Bahia* de 1877.

A 17 do mesmo mez encontrei outro acariano, em tudo parecido com o primeiro.

No dia seguinte encontrei, em uma preparação da mesma proveniencia, ainda outro acariano, morto, muito parecido com os dous primeiros.

No dia 31 do mesmo mez, e no mesmo doente, em liquido tambem do escrôto lymphatico, achei um quarto acariano, da mesma especie, que consegui preparar e conservo em minha collecção de preparações microscopicas.

Eis o resultado das medições a que procedi, com o auxilio de um grande microscopio de *Smith and Beck*, pertencente ao meu illustrado amigo o Sr. commendador Antonio de Lacerda, que ha mais de vinte annos se dedica a estudos de microscopia, e que, como depois direi, já me havia referido antes da publicação do Dr. Magalhães, que, n'agua de uma lagôa sita na povoação da Barra, existiam filarias microscopicas.

Sendo inglez o microscopio, só em fracção de pollegada ingleza se podia por elle obter a medição do animalculo, uma vez que a Inglaterra ainda até hoje se não tem querido associar ás demais nações europeas para a admissão do systema metrico.

Como, porém, as medidas apresentadas pelo Dr. Pedro de Magalhães são segundo o systema metrico,

junto ao resultado da medição em fracções de pollegada ingleza collocarei a sua reduccão a medida franceza:

	Pol. ing.	Millimetro
Comprimento	0,017=	0,4318
Largura	0,01 =	0,2540
Patas anteriores.....	0,006=	0,1524
» posteriores.....	» =	»
Rostro { largura.....	0,0025=	0,0635
comprimento.....		
Appendices lateraes de forma ma- millar	0,001=	0,0254
Pellos da extremidade..	0,008=	0,2032
posterior, abaixo do anus }		
os maiores	0,003=	0,0762
os menores		
Comprimento da fenda anal, de uma a outra commissura.....	0,003=	0,0762
Largura, de um rebordo labial ao opposto, no meio da fenda.....	0,002=	0,0508

Este acaros é maior do que todos os observados pelo Dr. Pedro de Magalhães, cujas medidas são as que se seguem:

	Comprimento	largura
1.º acaro	0mm,12	0mm,07
2.º »	0mm,22	0mm,132
3.º »	0mm,28	0mm,13
4.º »	0mm,36	0mm,20
5.º (acaros da agua da Carioca).....	0mm,24	0mm,17

O acariano que eu encontrei no meu doente media, como acima se vê:

Comprimento	largura
0mm,43	0mm,25

Isto, porém, em nada prejudica a identidade dos acarianos achados no Rio e do que eu aqui encontrei, porque, em um outro doente, achei um acariano que, á excepção do tamanho, era identico áquelle que primeiro eu havia preparado. Conservo tambem a preparação deste ultimo.

Mede este acariano

Comprimento	largura
0mm,28	0mm,16

e foi visto pelo Dr. Silva Lima no dia mesmo em que o encontrei, e comparado com o primeiro que eu havia preparado. A' excepção da differença de dimensões, não nos pareceu, nem ao Dr. Silva Lima nem a mim, que se tratasse de um acaro diverso.

Este acaro foi achado no deposito, em papel de filtro, de urina hematurica de um individuo que soffre da molestia ha 40 annos. O meu illustrado amigo, Dr. Remedios Monteiro, hoje na Còrte, acompanhou-me n'este exame e vio o acariano, bem como uma *Ullaria Wuchereri*, viva, que encontrei no mesmo deposito n'esse dia.

Passarei agora a descrever os dous acarianos.

Na configuração parecem-se elles um pouco com o acaro da sarna, mas distinguem-se d'elle perfeitamente pelo comprimento das patas.

O exame do maior mostrou-me que, como todos os acarianos, apresenta este um *rostro* e um *cephalothorax*.

Das quatro partes que constituem o *rostro*: *maxillas*, *palpos maxillares*, *labio* e *mandibulas*, só os palpos maxillares estão bem visiveis. São bem desenvolvidos e tridentados.

O *cephalo-thorax* é todo coberto de sulcos, em varias direcções, mas regulares, o que lhe dá um aspecto estriado muito interessante. Na união do terço superior com o medio apresenta um *esterniculo* em meia lua, mas não se vê abaixo a vulva, como é proprio d'estes animaes. Em lugar d'isso vê-se um circulo de còr mais clara, de onde se irradiam sulcos em forma de leque, em quatro direcções: para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda. Deve ser pois um acariano em seu segundo periodo, ou em estado de *nympha impubere*.

A muito pouca distancia do rebordo da extremidade posterior do acariano está situado o anus. Tem a forma de uma fenda longitudinal, e é circumscripto de um e outro lado por duas linhas curvas que se tocam, e que

com a fenda longitudinal, formam como que dous labios, em um dos quaes está inserto um grande pello.

Abaixo do anus, existem quatro outros grandes pellos, dous de cada lado, insertos em quatro pequenos tuberculos. O comprimento d'estes pellos é extraordinario, como se vê das medidas que já apresentei.

Acima do anus, e de cada lado, nota-se um appendice de forma mamillar, cuja significação não pude attingir.

Quanto ás patas constam ellas de cinco articulos, dos quaes o ultimo termina em ambulacro, tanto nas anteriores como nas posteriores, ao que parece. Digo assim porque a preparação só deixa ver bem as quatro patas posteriores e uma anterior, que todas possuem o orgão em questão. As outras tres anteriores acham-se reviradas sobre o corpo do animalculo, o que impossibilita o seu exame. A forma do ambulacro parece-me ser conica, pois que, no microscopio monocular de Nachet de que uso, se apresenta sob a forma de um triangulo isocetes. Nas articulações das cinco peças que formam as patas notam-se, em algumas somente, pellos menores que os quatro terminaes já descriptos; os outros provavelmente se teriam quebrado ao mudar o acariano para a lamina da preparação.

O segundo acariano, cujas dimensões já disse, é igualmente octopodo. As patas constam tambem de cinco articulos, na junção dos quaes prominam pellos, como no outro. Em uma das patas posteriores, que está bem estendida, vê-se a mesma disposição terminal em ambulacro que apresenta o primeiro.

O rostro deixa apenas perceber os palpos maxillares, tridentados, exactamente como no animalculo já descripto.

O anus parece-se tambem muito com o do primeiro acariano, mas apresenta as seguintes ligeiras modificações: o limite exterior de seus dous labios circumscreve quasi um circulo, ao passo que, no primeiro, a configuração aproximava-se mais de uma ellipse. Qualquer

dos seus diametros (do circulo total) mede 0^{mm},03. A extremidade inferior d'esta fenda parece-me tambem um pouco mais larga que a superior, o que igualmente se dá no outro acariano.

Uma cousa entretanto noto n'este, que não vi no primeiro, isto é, dous corpos situados de cada lado da fenda longitudinal, entre esta e o limite externo dos labios. Com um augmento de 530 diametros apresentam-se como dous circulos, tendo outros inclusos, da seguinte forma: 1°—um traço circular claro; 2°—um traço mais fino e obscuro; 3°—outro traço claro, menor em largura que o primeiro; 4°—espaço inter-circumferencial escuro; 5°—traço claro como o primeiro; 6°—espaço esclarecido; 7°—ponto obscuro central. Parecem-se estes corpos com os tuberculos de implantação dos pellos, mas são tres ou quatro vezes maiores. Abaixo do anus, e no mesmo nivel que no primeiro acariano, existem seis pellos, dous maiores, dous medianos e os dous ultimos pequenos.

Na união do terço anterior do cephalo-thorax com o medio, e na mesma altura que no primeiro acariano, acha-se a vulva, n'este animalculo bem reconhecivel. Não se vê, no emtanto, um *esterniculo* como no primeiro.

Como explicar que este acariano, muito menor que o outro, apresente órgãos sexuaes, que n'aquelle se não veem? Parece-me que se pode attribuir isso a estar talvez de dorso o primeiro animalculo; e será essa a razão porque o anus, que então será visto por transparencia, através da membrana dorsal, apresenta as pequenas differenças já apontadas. Mas, se assim é, porque vê-se por transparencia o anus, collocado na outra face do animalculo, e não a vulva, lá igualmente situada?

Ou será certa a hypothese que primeiro aventurei de tratar-se de um acariano no segundo periodo, ou estado de *nympha impubere*.

Só deslocando o acariano, ou examinando outros, será

possivel resolver esta questãõ, o que, se em exames posteriores conseguir, apressar-me-hei em referir.

O corpo d'este segundo acariano é estriado, exactamente como o do outro.

Apezar de incompleta a descripção, é possivel que n'ella encontre o Dr. Pedro de Magalhães os elementos sufficientes, para reconhecer se se trata de um acariano identico aos que, por diversas vezes, tem achado.

Quanto ao descobrimento de filarias na agua da Carioca devo, cumprindo a promessa acima feita, referir que tambem aqui existem. Em uma lagõa sita á Barra, reconheceu ha tempos o Sr. Commendador Antonio de Lacerda a existencia d'estes nematoides; quando examinava a agua d'aquella proveniencia, para estudar infusorios proprios de nosso clima. Isso me communicára o Sr. Lacerda muito antes de saber-se aqui, pela importante communicação do meu distincto collega, que existiam tambem taes nematoides na agua da Carioca e de outras proveniencias, no Rio de Janeiro.

Não posso dizer o tamanho que tem porque ainda não as examinei, e o Sr. Lacerda, não lhes ligando n'esse tempo grande importancia, tambem não demorou sobre ellas sua attenção, promettendo-me, porém, que em breve m'as mostraria, para juntos as estudarmos; o que feito, communicarei ao meu collega, afim de ver se se trata exactamente dos mesmos animalculos.

Em todo o caso, o descobrimento que acaba de realisar no Rio de Janeiro o Dr. Pedro de Magalhaes, me parece da mais alta importancia, dando-nos talvez a chave do mysterioso *habitat* d'estes animalculos, na sua vida exterior aos organismos de que são parasitas.

P. S.—Estava já escripto o que acima vae exposto, quando o acaso veio auxiliar-me, trazendo novas luzes á questãõ da determinação exacta da especie do acaro

aqui observado, e que me parece será também o encontrado no Rio de Janeiro. Eis o caso:

Quando eu estudava a *filaria Wuchereri*, no doente que faz objecto da publicação inserta n'esta *Gazeta*, lembrei-me de empregar, para a recepção dos coagulos da lymphá extrahida das vesiculas escrotaes, pequenos casulos ou cellulas, que me garantissem, ao menos por algum tempo, a preparação, de modo que podesse bem estudar, e também mostrar aos collegas, qualquer coisa de notavel que n'ellas observasse. Fiz d'est'arte um grande numero de preparações, que, por não me parecerem, depois de observadas no momento, dignas de serem conservadas, deixei esquecidas em um vaso em meu laboratorio.

A 9 do corrente mez um amigo meu, curioso de ver algumas preparações microscopicas, pedio-me lhe satisfizesse esse desejo, ao que accedi, collocando no campo do microscopio uma preparação estavel de naviculas, e deixei-o entretido em observal-as. Passado algum tempo chama-me o meu amigo, perguntando-me que *bichos* eram aquelles, vivos, que eu havia preparado.

Suppuz que se tratasse de algum arachnide, que estivesse no tubo do microscopio, e não dei importancia á communicação que se me fazia, até que, impressionado por ouvir dizer que se tratava de *muitos bichos*, procurei examinar a preparação.

Examinei, e fiquei mui agradavelmente suprehendido. Estavam acolá, no campo do microscopio, uns poucos de acarianos, em diversos periodos de desenvolvimento e, para tornar completa sua historia, muitos ovulos esparsos também se observavam na mesma preparação.

Procurei ver o que havia no campo do microscopio, e então reconheci que se tratava de uma das preparações abandonadas no vaso de que acima fallei, e que o meu amigo, sem saber se prestava ou não, trocara pela que eu lhe havia primeiro dado. Era essa preparação feita em glicerina, e tinha no centro um pedaço

de coalho, ou, ao que me parece antes, um pedacito de epiderme, que eu havia cortado de uma vesicula escrotal do meu doente. Está tão estragado o que ali se acha, que não posso por enquanto saber do que se trata, sendo, porém, certo que não pode ser senão uma das duas cousas de que fallei, coalhos de lympha ou epiderme da lymphectasia.

O aspecto apresentado pela preparação era realmente interessante e digno de menção: poder-se-hia dizer a um tempo um viveiro e um cemiterio, porque ao pé de alguns cadaveres de acarianos estava uma geração inteira de outros da mesma especie. Desde o ovulo até o individuo sexual, de tudo havia, e em todos os periodos de desenvolvimento. Via-se a larva, com seis patas, ainda mal desenhadas, apenas como pequenos prolongamentos, e já se movendo, se bem que com aquelle titubear proprio dos filhinhos de certos animaes, o cão e o gato por exemplo, quando começam a ensaiar os primeiros movimentos de locomoção. N'esse estado não tinha ainda a larva a configuração propria do acariano, e sim a do ovulo, que me parece, apenas atravessam-lhe a cuticula o rostro e as patas do animalculo, põe-se logo em movimento. Cae depois a casca, ou é reabsorvida.

Ao lado d'estes animaes-ovulos existiam larvas já perfectas, com a configuração dos acarianos adultos que existiam na mesma preparação, mas muito pequenas e hexapodas.

Ainda junto a estas havia outras no periodo de transição para o estado adulto, isto é, com o ultimo par de patas a despontar.¹ Finalmente uns poucos de acarianos perfectamente desenvolvidos passeavam á vontade na cellulasinha, sem se quer suspeitarem do cuidadoso exame de que estavam sendo objecto.

¹ Quando digo *ultimo par de patas* refiro-me ao derradeiro a apparecer, que não é, entretanto, o quarto, a contar do rostro para o extremo opposto, mas o terceiro.

A disposição geral, as dimensões, o numero de articulos, etc., d'estes animaes trouxeram-me ao espirito a idéa de que se tratava do mesmo animalculo encontrado na lymphá escrotal de um meu doente e na urina de outro. Ovulos ou larvas ficaram inclusos na cellula, com elementos para seu posterior desenvolvimento, e deram em resultado aquella prole. Pareceu-me tambem desde logo que se tratava do *acaró do queijo*, accidentalmente encontrado na pelle.

N'esse mesmo dia, poucas horas depois de achada a collecção, mostrei-a ao Dr. Silva Lima, e á noite ao mesmo e ao Dr. Victorino Pereira, que commigo se reuniram, afim de confrontarmos os animalculos com a preparação do *acaró do queijo* ou *acarus domesticus*,¹ e com as dos dous que eu acima descrevi.

O exame minucioso a que procedemos fez-nos reconhecer a extraordinaria semelhança entre uns e outros, de tal sorte que não duvidámos acreditar na identidade da especie.

Parecerá contradictoria esta asserção com aquella outra do meu primeiro artigo, quando digó que o acaró de meu doente era diverso do do queijo. A razão do meu engano proveio de ter comparado com um *acaró do queijo* bem preparado, o meu acariano, que estava esmagado, em virtude de um aperto excessivo da lamina de cobrir. Isto fazia-o parecer muito mais largo, porque as visceras sahiram por uma dilaceração lateral, e o verme achatou-se extraordinariamente. Além d'isso o rosto, como acima disse, estava tão estragado, que só deixava ver os palpos. Comparado, porém, com o da preparação estavel, qualquer dos adultos de minha presente collecção, vê-se que não ha differença alguma. Parece-me, pois, que se verifica a minha idéa de que não ha uma nova especie de acaró, ligada á *filaria*

¹ Vid.—*Chesse-mite, acarus domesticus*, no *The microscope: its history, etc.*—1855, by Jabez Hogg—pg. 330—331; e *The Micrographic Dictionary*, by Griffith, London, art.—*acarus*.

Wuchereri, mas tão somente se trata do *acarus domesticus*, que accidentalmente vae ter á lamina da preparação, ou ao vaso receptor da urina, podendo no emtanto achar-se tambem sobre a pelle do penis, como no meu doente estava no escroto, e como pode estar em qualquer outra região cutanea, onde encontre o alimento e condições de vida desejeáveis.

Pretendo acompanhar o desenvolvimento dos ovulos no meu *viveiro*, e dar mais tarde uma noticia mais completa d'esta *importante familia*.

Bahia 12 de Janeiro de 1878.

AS MICRO-FILARIAS NA AGUA DA CARIOCA
(RIO DE JANEIRO).

Archivamos com muito prazer em nossas paginas mais um trabalho interessante publicado em Dezembro ultimo no *Progresso Medico* do Rio de Janeiro (Tomo 2º n. 3), pelo nosso illustre collega e comprovinciano o Sr. Dr. Pedro S. de Magalhães. Versa este escripto sobre o descobrimento feito pelo autor, na agua considerada potavel, de um nematoide embryonario muito semelhante ás filarias de Wucherer.

Posto que já tenham sido encontrados n'agua, aqui na Bahia, vermes parecidos com os que nos annuncia o Sr. Dr. Magalhães, não se sabe por ora se são identicos, visto não ter sido feita ainda a sua minuciosa descrição. Sejam, porém, ou não da mesma especie, cabe, em todo caso, ao nosso collega o merito de ter primeiro annunciadô no no Brazil a presença d'elles na agua potavel, e os seus principaes caracterès no estado embryonario.

Quantô ao alcance d'este importante descobrimento, e á sua relação com a chyluria, e mais estadôs pathologi-

cos em que foram até hoje encontradas as filarias de Wucherer, nada podemos por ora antecipar; aguardamos os factos ulteriores; e se o Dr. P. de Magalhães tiver a fortuna de verificar que a sua filaria é a mesma de Wucherer, e a de Bancroft immatura, e que todas ellas são a causa das molestias com as quaes coincide a presença d'estes animalculos, terá fechado gloriosamente, para si e para a classe medica de nosso paiz, o circulo das investigações que ha mais de dez annos occupam a attenção de medicos estudiosos das regiões intertropicaes.

Devemos esperar que o autor não deixará incompleto um trabalho que promette ser fertil em resultados praticos, ainda no caso de não lograr o louvavel intento com que o iniciou; e tambem não é duvidoso que o seu nobre exemplo tenha imitadores n'esta provincia, onde sabemos que ha mezes projectam alguns collegas commegar este anno o estudo micrographico das aguas que servem ao consummo d'esta capital, e das de outras localidades onde reinam certas endemias de origem obscura, ou totalmente ignorada.

FILARIAS EM ESTADO EMBRYONARIO ENCONTRADAS
N'AGUA TIDA COMO POTAVEL (AGUA DA CARIOCA)

Pelo Dr. Pedro S. de Magalhães.

Tendo estabelecido uma serie de exames microscopicos da agua commumente usada nesta cidade como potavel, obtive resultado bastante interessante, que julgo de meu dever publicar.

A idéa que me incitou a este trabalho foi a de procurar quer a *filaria Wuchereri*, no periodo embryonario, quer o seu representante adulto, a *filaria Bancrofti*, quer

ainda os ovulos deste nematoide, pensando que muito provavelmente a agua seria o vehiculo pelo qual o animal devia ser transportado para o organismo humano, onde se mostra tão incommodo hospede.

No domingo 18 do corrente (Novembro) lembrei-me de fazer o exame do sedimento que se depositava sobre a pedra do filtro que uso em casa.

Para isso decantei a maior parte da agua que estava no filtro, e, quando restava pequena quantidade, agitei o vaso para misturar com o liquido as partes solidas que se tinham depositado sobre a pedra de filtrar, depois derramei tudo em um vaso de porcellana escrupulosamente limpo e comecei o exame da agua e do sedimento.

Além de grande porção de detrito de vegetaes, alguns fios de tecidos, diferentes animalculos infusorios (vorticellios, paramecios, plæsconianos) e outros, de que não me occuparei neste momento, encontrei uma filaria em estado embryonario, pois não apresentava orgãos reproductores, a qual muito se parecia com a *filaria Wuchereri*.

Este nematoide ainda estava vivo e movia-se em todos os sentidos com grande rapidez.

Procurei examinar o mais attentamente que me foi possivel, e cada vez mais me convenci da grande similhaça que tinha com a *filaria Wuchereri*.

Tive o prazer de mostrar o verme ainda vivo ao meu amigo e collega o Dr. Penna e ao distincto lente substituto da Faculdade o Sr. Dr. Pereira Guimarães, os quaes não só examinaram o animalculo como o compararam com *filarias Wuchereri* que possuo conservadas em preparação microscopica.

Media esta filaria 0,52 de millimetro de comprimento e 0,012 de millimetro de grossura, era incolor, semi-transparente, tornando-se visivel pela differença de refrangibilidade de seu corpo e do liquido em que se achava, apresentava algumas granulações no seu interior, mes-

mo quando viva; as extremidades cephalica e caudal tinham a mesma conformação que as da *filaria Wuchereri*, a primeira um pouco arredondada, e a segunda terminando em ponta; perto da união do terço inferior com o terço medio do corpo notava-se uma pequena mancha linear apenas perceptivel, que julguei ser o orificio anal; a boca era circular e um pouco mais visivel do que sóe ser na *filaria Wuchereri*, bem como o esophago. Usando, porém, de um augmento muito consideravel, pude perceber, posto que pouco claramente, tres a quatro pequenos appendices muito curtos e mui delgados na extremidade cephalica, proximos á boca do nematoide. Extranhando a presença destes appendices, pedi ao meu collega o Dr. Penna que procurasse verificar esta particularidade, e, com effeito, tambem elle poude observal-os, porém somente em numero de dous, o que attribui á posição do nematoide que não deixava vêr os órgãos a que me refiro. Uma outra pequena differença que notei foi o vestigio muito pouco accentuado de estrias circulares ao redor do corpo da filaria.

Exceptuando estas duas particularidades, que nunca encontrei na filaria *Wuchereri*, nem vi ainda mencionadas por auctor algum, o nematoide apresentava grande similhaça com os embryões que se acham na urina dos hemato-chyluricos. A desigualdade do tamanho não é difficil explicar, hoje que sabemos medir a filaria adulta $3\frac{1}{2}$ pollegadas.

Apezar dos dous pontos de dissimilhaça que observei no nematoide acima descripto, diversas questões vieram-me á mente. Haverá alguma relação entre esta filaria e a descoberta por Wucherer? Não podia acreditar que aquelles appendices, cuja significação aliás é difficil determinar, existissem na ultima e tivessem passado desapercibidos até hoje. Mas não seria possivel representarem, o que me parece plausivel, um aparelho accessorio existindo somente emquanto o embryão achasse dentro d'agua, tendo funcções a exercer quando elle

vive neste liquido? O vestigio de estrias será um caracter definitivo ou transitorio?

Fazendo estas reflexões lembrava-me das palavras do sabio professor Leuckart quando, tratando das filarias parasitas em geral, diz poderem ellas soffrer metamorphose com a mudança de habitação. ¹

Guardei a agua e o sedimento onde tinha colhido a filaria para proceder a novos exames.

Posso dizer ter assim conservado á minha disposição um viveiro de filarias, pois desde o dia 18 até hontem 24 fiz novos exames e já observei 12 filarias em estado embryonario, das quaes 10 vivas.

Mostrei algumas preparações aos meus estimados collegas os Drs. Martins Costa e Moura Brazil.

Nem todos os embryões eram do mesmo tamanho, tendo encontrado muitos de dimensões inferiores ás do primeiro que achei.

Dos menores medi dous; um tinha 0,23 de millimetro de comprimento e 0,008 de millimetro de grossura, o outro 0,23 a 0,24 de millimetro de comprimento.

Procurando verificar os dados fornecidos pelo primeiro exame, obtive resultados diversos segundo as dimensões dos embryões observados. Os menores eram a tal ponto semelhantes ás *filarias Wuchereri*, que podiamos julgal-os identicos, excepto, todavia, algumas granulações que se viam no seu interior, as quaes tinham côr muito aproximada á do detrito vegetal existente n'agua.

Poder-se-hia attribuir esta differença á substancia que servia de alimento ao animalculo.

Nenhum outro caracter apresentavam que servisse para distinguil-os das *filarias Wuchereri*.

Quanto aos appendices de que falei, só observei uma outra vez em um embryão dos maiores que vi, e muito semelhante ao primeiro, podendo-se, além disso, perce-

¹ Leuckart—Die Parasiten B. H. S. 610.

ber todo o tubo intestinal. O vestigio de estrias só pude vêr em alguns, apesar de ter procurado em todos.

Uma particularidade devo ainda mencionar: examinando um dos nematoides que encontrei mortos, distingui perfeitamente um estojo semelhante ao que descreve Lewis na *filaria sanguinis hominis*; este estojo estando rôto transversalmente, os dous fragmentos se afastaram e cada um excedia a extremidade correspondente do animalculo, conservando a mesma fórma. O nematoide estava inteiro.

Foi-me ainda possível mostrar esta preparação ao Dr. Moura Brazil, que distinctamente vio o que refiro.

Em uma outra filaria esmagada accidentalmente, emquanto eu fazia a preparação, observei estojo semelhante, mas nesta não era tão demonstrativo, porquanto, estando a filaria muito contusa, podia-se crêr ser formado pela membrana propria do nematoide. Porque razão não encontrei ainda tal estojo nos embryões vivos? Será, como penso, que não exista sempre, tendo o nematoide já deixado esta membrana embryonaria?

Os appendices que observei na extremidade cephalica de dous dos embryões, bem como as estrias, donotarão um periodo mais adiantado durante o seu desenvolvimento dentro d'agua, ou será um character especial mostrando que entre os embryões observados havia duas especies differentes?

Não posso por emquanto adoptar esta ou aquella opinião faltando-me ainda bases sufficientes.

Sem desde já affiançar a identidade dos nematoides que encontrei e as conhecidas *filarias Wuchereri*, posso concluir das minhas observações sem aventurar-me em hypotheses:

1.º Haver n'agua geralmente usada como potavel nesta cidade (agua da Carioca) filarias em estado embryonario, das quaes as menores que observei eram tão semelhantes ás *filarias Wuchereri* que as podiamos suppôr identicas.

2.º Na duvida sobre a identidade das filarias que descobri e as de Wucherer, ser prudente filtrar a agua antes de beber-a, sob pena de arriscar-se a dar pousada no organismo a um hospede dos mais prejudiciaes.

3.º Ser necessario exames minuciosos e repetidos das aguas reputadas potaveis para podermos chegar a conclusão definitiva sobre a relação destes embryões com as *filarias Wuchereri*.

MEDICINA

MEMORIA SOBRE A DIARRHÉA DENOMINADA «DA COCHINCHINA»¹

Pelo Dr. A. Normand
da marinha franceza

(Traducção de * * *)

Dá-se ordinariamenté o nome de *diarrhéa da Cochinchina* a uma affecção que os medicos francezes não encontram habitualmente senão em individuos que se teem demorado na Cochinchina, e que se distingue por uma côr pardacenta, por uma consistencia lodosa e pela grande abundancia das materias excretadas (ao menos em certas occasiões e quando o doente é submettido á alimentação commum), pela tenacidade e incurabilidade inteiramente notaveis do fluxo diarrheico, pela ausencia de tenesmòs, de sangue, e, em geral, de todos os symptomas inflammatorios ou pyreticos.

Os individuos por ella accommettidos rapidamente emmagrecem, perdem as forças e tornam-se anemicos. Uns rapidamente logram restabelecer-se, ou esponta-

¹ Esta memoria obtve o premio de medicina naval para 1875 (*Archives do Médecine Navale de Janeiro de 1877.*)

neamente ou mediante a intervenção de um regimen hygienico racional; outros, a despeito dos bons cuidados conservam a molestia no estado chronico, e se subdividem completamente, n'um lapso de tempo que raras vezes excede a tres annos (segundo muitas observações pessoases,) porém muito mais curto geralmente,—em dous grupos,—o primeiro dos quaes é constituido por aquelles que recobram a saúde, e o segundo pelos que morrem; estes succumbem ou ao esgotamento causado pela lenteria e pela inanição progressiva, ou a phenomenos agudos de entero-colite, que lembram a diarrhéa cholericiforme das crianças.

A estas noções convem hoje accrescentar, que n'um grande numero de casos existem nas dejeções myriadas de individuos de um verme microscopico por mim descoberto, e nunca d'antes assignalado nos intestinos.

Este verme habita e prolifera na superficie dos tecidos intestinaes no meio dos elementos anatomicos que tem já abandonado a mucosa ou as glandulas, e cuja producção é manifestamente exagerada em consequencia da inflammação catarrhal que occasiona a presença do parasita.

Esta excessiva hypersecreção que acompanha a expulsão do verme, oppõe-se ao trabalho regular do intestino delgado; e, desaparecendo o parasitismo, pode ficar um intestino de tal forma damnificado e alterado por uma reparação imperfeita, que, no duplo movimento de entrada e sahida que constitue a base dos phenomenos de nutrição, o segundo sobrepujando sempre o primeiro, em breve se torne a vida impossivel, por deixarem de ser os órgãos mais importantes irrigados convenientemente, ou por se tornar o organismo incapaz de reagir contra as causas de destruição que de todos os lados o cercam.

Estudemos cada um dos pontos da physiologia pathologica que esta longa definição comprehende, e co-

mecemos pelo estudo do parasita, no qual vejo a causa fundamental, se não unica, de todos os estragos.

Estudo do parasita (Extracto da descripção que fez d'este verme o Sr. Bavay, professor da escola de medicina naval de Toulon.)

« A *anguillula stercoraria* pode conservar este nome que desde sua descoberta lhe foi posto; com effeito pouco differe ella da *anguillula terrestre*, *Rhabditis terricola* de Dujardin (genero *Leptodera* de Schneider,) e suas differenças não parecem de ordem genesica. Só a especie é que é nova, e pode ser assim caracterisada: *Rhabditis* (Dujardin) *stercoralis* (nobis,) *Leptodera* (Schneider,) *stercoralis*; provindo-lhe o nome de *stercoralis* do *habitat* que se lhe reconhece.

« No estado adulto o animal tem 1 millimetro de comprimento e de largura 0^{mm},04; a grossura do corpo varia naturalmente segundo a maior ou menor distensão produzida pelos ovos. O corpo é cylindrico, um pouco adelgado adiante, muito mais afilado atraz, e mais na femeadão que no macho. A superficie do corpo é lisa, mas apresenta numerosas préguas transversaes quando pela pressão expellem-se as visceras. A bocca, com tres labios bem distinctos, é seguida de um esophago triedro, que, depois de uma estreitura oblonga, se dilata n'um estomago ovoide. A este estomago segue-se o intestino e começa por uma especie de ventriculo no qual se invagina o apparelho esophagiano, nos movimentos de diante para traz de que é susceptivel. O intestino tem paredes mais visiveis, porém é limitado por um apparelho glandular dividido no sentido do comprimento em pequenas massas symetricas; vem confinar com um mamillo situado ao lado direito do corpo, perto da base da cauda. O desenvolvimento do utero desloca e deforma sempre algum tanto este canal intestinal.

« Pouco abaixo do meio do corpo, e á direita, abre-se uma vulva que conduz a um utero que se estende do ventriculo intestinal até perto do anus, e onde estão

agglomerados ovos em quantidade variavel, segundo o estado mais ou menos adiantado do animal,—de 6 a 30 e mais.—A's vezes a prole se desprende dos ovos mesmo no ventre materno; as mais das vezes porém os ovos são postos inteiros contendo um embryão bem formado e movel, em outras occasiões saem antes que o embryão appareça, mas não se sabe se nestes casos elles são fecundos. A multiplicação opera-se em menos de 5 dias. O macho é mais pequeno do que a femea ($\frac{1}{3}$ mais ou menos;) as glandulas que nelle acompanham o canal digestivo são mais claramente desenhadas, e são acompanhadas de outra glandula semelhante mas alongada, que parece constituida por pequenos globulos arredondados.

Este organo, o testiculo sem duvida, vem ter a um espiculo situado na base da cauda. Este é constituído por duas pequenas peças corneas, recurvadas, intumescidas acima da base, adelgaçadas no vertice e canaliculadas. Estes dous espiculos são iguaes e situados sobre o mesmo plano transversal. O appapello faz saliencia pelo anus ou muito perto d'elle. A cauda curvada para a direita, no mesmo sentido que os espiculos, é duas vezes menos longa do que a da femea.

Durante a copula o macho enrola uma vez e meia ou duas a sua parte caudal em torno da parte vulvar do corpo da femea, cujos ovulos são bem visiveis. O numero dos machos é muito menor do que o das femeas.

Quando o animal sahe do ovo é muito differente do que acabamos de descrever; tem cerca de $0^{mm},1$ e $0^{mm},002$ de largura; o canal digestivo mal se distingue; o esophago occupa os dous quintos do corpo que rapidamente se alonga sem engrossar. Quando chega ao tamanho de $0^{mm},24$ aproximativamente, torna-se muito agil. Seu canal digestivo apparece como uma facha transparente, limitada de cada lado por um accumulo de granulações; não mostra signaes de apparelho genital. E' a primeira idade do animal.

« Na segunda idade o corpo alarga-se, o aparelho esophagiano desenha-se; as glandulas da visinhança do intestino repartem-se por massas. Ao lado direito vê-se uma vesicula que mais tarde será o utero. As dimensões são então de 0^{mm},33 e 0^{mm},023; nas evacuações encontram-se frequentemente nesta segunda phase, e o canal digestivo contém então muitas vezes globulos gordurosos que provém certamente do leite. »

Antes de passar á segunda idade, o animal soffre uma muda; nas criações ou viveiros onde podemos-o seguir hora por hora, vê-se que elle toma a principio em seus bordos um aspecto denticulado que lembra o de uma serra de cadeia; depois vemol-o como que embainhado em um tubo um pouco mais longo e mais largo do que elle, no qual móve-se primeiro obscuramente, depois agita-se vivamente, porém sem poder avançar. E' este ás vezes o unico que durante muito tempo se encontra nas dejeccões de certos doentes; os vermes são habitualmente agrupados em novêllos de 3 a 6, quando a bainha ainda não se desprendeu bem do corpo, e é na espessura das mucosidades mais viscosas, simulando retalhos membraniformes que se deve ir em busca d'elles, servindo-se da força augmentativa mais penetrante, porque sua transparencia e sua ausencia de mobilidade os tornam difficeis de encontrar. Quando o animal se agita é que elle conseguia isolar-se, e seus movimentos tornam-n'o então facil de perceber. A bainha de onde elle procura sahir é por extremo transparente, e quando ella está bem limpa dos corpusculos que lhe estão adherentes, e de que se acha como ouriçada a principio, pode-se ver atravez della não só o verme como seus órgãos internos caracteristicos.

Um exame prolongado permittirá assistir á sahida do verme que começa suas evoluções nos liquidos visinhos, emquanto a sua bainha ou involucro fica no mesmo lugar, sobretudo apparente pelos seus contornos e prérgas.

Assim temos verificado 5 estados diferentes para a anguillula: 1º embrião no ovo; 2º a larva recentemente sahida do ovo (fig. 6); 3º o que chamarei estado de muda ou, melhor, estado invaginado, se não receiasse aventurar, não o facto da muda, que foi verificado, mas que o tubo em que o animal é visto seja a pelle que elle quer largar; 4º o estado perfeito pre-adulto (fig. 2); 5º enfim o estado perfeito adulto macho (fig. 4) ou femea (fig. 3).¹

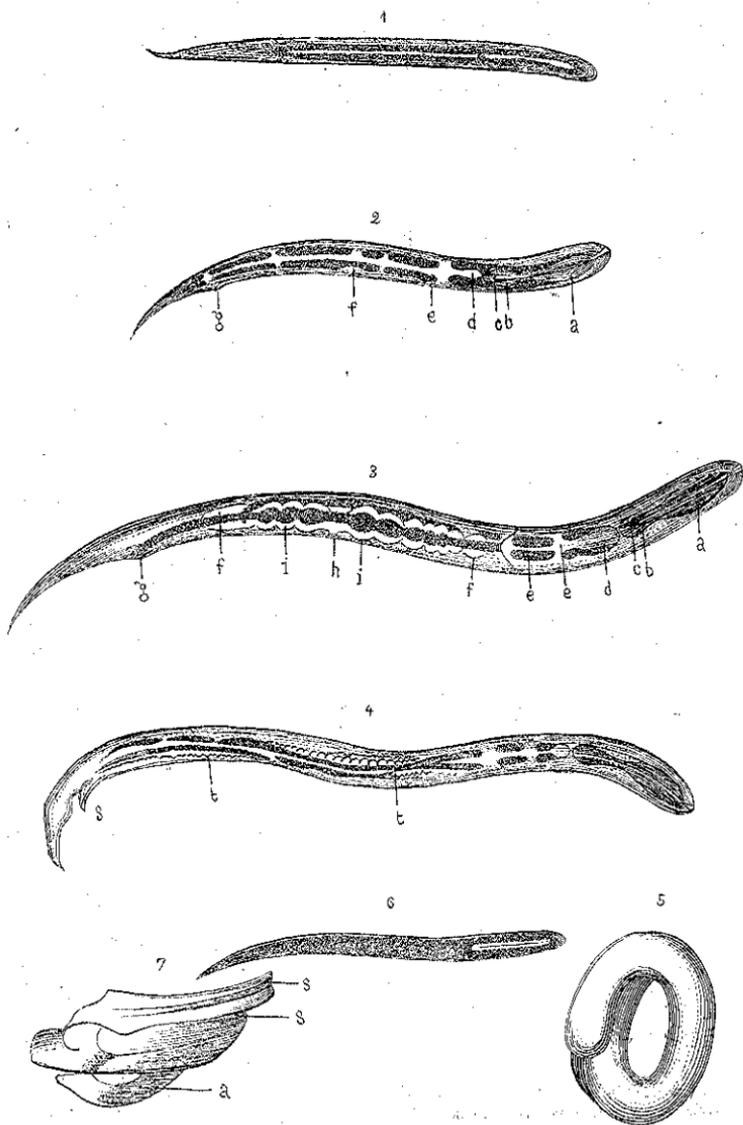
Explicação da gravura

- | | | | |
|---|--|---|--|
| Fig. 1—Primeira idade | } comp. 0 ^{mm} ,33
larg. 0 ^{mm} ,015 | | |
| Fig. 2—Edade media | | } comp. 0 ^{mm} ,35
larg. 0 ^{mm} ,023 | A primeira dilatação esophagiana; B segunda; C valvula; D estomago ou primeira dilatação do intestino; E glandulas, figado, ou aparelho urinario; F vesicula que virá a ser um ovario ou um testiculo; G anus? |
| Fig. 3—Edade adulta ♀ | } comp. 1 ^{mm} ,00
larg. 0 ^{mm} ,040? | | A, B, C, D, E, F, G a mesma significação; T ovario; I ovos. |
| Fig. 4—Edade adulta ♂ | | } comp. 0 ^{mm} ,80
larg. 0 ^{mm} ,035 | A, B, E, D, E, F, G a mesma significação; T testiculo; S espiculo. |
| Fig. 5—Ovo contendo um embrião. | | | |
| Fig. 6—Embrião sahido do ovo. | | | |
| Fig. 7—Espiculos s, s:—a peça accessoria. | | | |

As mudanças de estado não exigem migração; encontram-se nas dejeccões vermes em todos os periodos (salvo as larvas recentes) e mesmo ovos sem embrião, e pode-se ver o verme passar por todos os seus estados nas dejeccões conservadas em vasos não fechados.

Todavia os que nascerem nestes vasos, é raro passarem á 2ª forma.

† A figura 1 intitulada 1ª edade, demanda algumas reservas. A presença de outro parasita, igualmente novo, que até hoje só tem sido colhido no intestino delgado dos cadaveres, e só no estado de femea, suscitou em Mr. Bavay e em mim uma duvida sobre a verdadeira origem d'esta forma ainda mais longa que, não tendo sido vista senão nos viveiros, poderia ser o filho novo deste outro verme e não o resultado do crescimento da larva representada (figura 6.); e a ausencia dos órgãos caracteristicos a, b, c, d, e, f, torna esta hypothese plausivel.



Anguillula stepcolaris
(Bavay)

A vida no meio das mucosidades do intestino não é inteiramente indispensavel, mas parece favoravel a esta phase da evolução.

Nem todas as dejecções que contem abundantemente estes vermes são appropriadas á sua cultura; certas formas de materias estercorarias, com consistencia de melço, que devem sua cõr escura á presença de materias alimenticias feculentas, me parecem ser as mais proprias para este genero de criações.

A materia não desaparece ahi senão lentamente e por evaporação, mas conserva suas propriedades liquidas até o momento em que fica reduzida á uma especie de verniz sobre o fundo do vaso.

As dejecções fornecidas por homens submettidos ao regimen lacteo puro não conservam bem o parasita, facto importante a outros respeito. Todos os residuos fecaes encerrados em frascos, tubos, etc., passam por uma fermentação depois da qual só se encontram os cadaveres dos animalculos, que tambem por sua vez bem cedo desaparecem.

Sobre placas de vidro qualquer materia secca rapidamente, e, passadas 24 horas, só restam cadaveres.

E' para notar a faculdade que tem o animal de viver 5 a 6 dias nas materias fecaes expulsas do intestino, uma vez que não tenha sido morto pela fermentação, ou pela desecação. Esta propriedade pode ser a causa da sua introduccção no tubo intestinal do homem.

O numero destes vermes que certos doentes expellem todos os dias não se pode representar senão com 6 ou 7 algarismos; mais de cem mil, e ás vezes mais de um milhão. Este numero é assaz variavel segundo os doentes e mesmo segundo os dias para cada doente em particular.

Em vão tenho procurado este parasita em homens attaccados de diarrhéa indigena, ou de diarrhéa proveniente de dysenterias contrahidas em outras nossas colonias que não a Cochinchina.

Com effeito somente o pude achar em um certo numero de homens affectados de diarrhéa da Cochinchina, mas isso pode depender, em primeiro logar, de elle ser muito raro em certos homens, e de que n'este caso se preparem muitas laminas antes de se poder encontral-o; e depois porque nos diarrheicos que o não apresentam elle terá desaparecido. Com effeito, quanto ao primeiro caso, aconteceu-me duas ou tres vezes dar busca inutilmente em individuos nos quaes só pouco mais tarde pude descobrir o animal; todavia este factó é raro; habitualmente nas dejecções não solidificadas elle está repartido assaz uniformemente para que uma gotta colhida ao accaso possa fornecer muitos.

Quanto ao factó do seu desaparecimento absoluto, já me succedeu muitas vezes, ora coincidindo com a solidificação das materias alvinas, sob a influencia d'um regimen racional, ora estas permanecendo liquidas; e é bem provavel que muitos individuos se tenham desembaraçado do parasitismo antes de chegarem a França, individuos nos quaes não cessaram as perturbações de entero-colite entretidas ao contrario pelo regimen e pelo genero da vida pouco hygienico que estes doentes tiveram de soffrer durante a travessia de volta, ou que por negligencia e por falta de energia acceitaram depois da volta.

Por isso admitto que a diarrhéa chamada da Cochinchina, é no começo uma entero-colite verminosa; que a tendencia natural de todo organismo um pouco vigoroso é para a expulsão do parasita; que os organismos debilitados reagem com menos energia e se deixam invadir e destruir por este parasitismo especial; que em certos casos alguns destes animaes se estabelecem em algum recanto onde o esforço expulsivo é pouco vigoroso; d'ahi, como d'um quartel general precipitam-se cardumes de novas gerações que se disseminam pelo tubo intestinal, salvo alguns ainda novos que perpetuam a raça alli mesmo; que estas myriadas de larvas, ou

por seu contacto e seus movimentos, ou por uma penetração intima nas camadas superficiaes da mucosa antes da sua transformação, irritam esta membrana e trazem-lhe modificações secretorias seguidas de dyspepsia intestinal e de catarrho; que se esta irritação dura muito tempo, a mucosa exposta a uma inflammação chronica, é destruida em largas superficies e que d'ahi provém a morte por falta de digestão e de absorção, quer a infecção verminosa tenha desaparecido por um espaço de tempo mais ou menos longo, quer ella exista ainda.

Mais tarde indicarei as relações entre a dysenteria e a diarrhéa da Cochinchina, mas o que já tenho por certo, e affirmo sobre um dado seguro é que a diarrhéa pode sobrevir e fazer sua evolução ao menos no sentido favoravel, sem que nada se manifeste que confundir-se possa com a dysenteria.

Insisto sobre isto porque observei em mim mesmo a diarrhéa, e alem disso me apoio sobre 30 casos de diarrhéa sobrevividos, e observados por mim no estado-maior e na equipagem da *Sarthe* em 1873, parallelamente com um ou dous casos muito manifestos de dysenteria, com dejeccões mucosanguinolentas, tenesmo e febre.

(*Continúa*)

BIBLIOGRAPHIA

A FEBRE AMARELLA NO ESTADO DE TEXAS
POR GREENSVILLE DOWELL.

E' um livro precioso, e utilissimo aos medicos brazileiros, a obra do Dr. Greenville Dowell sobre febre amarella. A uma grande copia de factos de observação propria reúne o illustrado professor do Collegio Medico de Texas os relatorios de grande numero de medicos que assistiram ás principaes epidemias do estado de

Texas, que tem sido nos ultimos decennios um dos mais assolados pelo terrivel flagello da febre amarella.

A vasta experiencia que resulta das observações proprias do author, n'uma pratica de mais de dois mil casos na clinica hospitalar e domiciliaria, e a summa dos dados fornecidos pelos diversos relatores das numerosas e extensas epidemias estudadas n'esse paiz, que por mais de dois seculos tem passado pela prova quasi constante d'esta devastadora molestia,—offerecem uma boa colheita de factos, que importam as indicações mais proficuamente applicaveis para a prophylaxiá e tratamento da febre amarella.

N'um excellente mappa geographico annexo á obra do Dr. Dowell vem designada a marcha da febre amarella pelo territorio dos Estados-Unidos, e determinadas todas as cidades e villas, que teem sido assoladas epidemicamente, e n'um quadro estatistico não menos importante, veem designados os estados, localidades, e suas situações, e elevações acima do nivel do mar, a epoca em que foram accommettidos, e a mortalidade que produziram as epidemias; abrangendo todos estes dados o periodo de 1668 até 1874.

Vê-se por essa estatistica, e pelo mappa annexo á obra, que a febre amarella já tem assaltado a União Americana 741 vezes, espalhando-se em 228 cidades e em 28 estados, e causando 65,311 mortes.

«D'uma analyse detida da historia d'estas epidemias em cada lugar e cada anno, diz o Dr. Dowell, conclue-se indubitavelmente que ella foi importada, pelo menos dezenove vezes em vinte; e está igualmente provado que foi introduzida da Africa para a America.»

Desde estas primeiras linhas o illustrado pratico toca os dois pontos capitaes da pathologia da febre amarella, —a origem e modo de propagação da molestia, pontos que envolvem a indicação de todas as medidas prophylaticas, e para cuja elucidação, portanto, não são demais

todas as provas que possa accumular a mais extensa e criteriosa experiencia.

A questão da origem e modo de propagação da febre amarella tem sido largamente debatida nos Estados Unidos. Desde a grande epidemia de 1797 o numero de medicos anti-contagionistas cresceu enormemente n'aquelle paiz, especialmente na Philadelphia. A natureza contagiosa e a origem exotica da febre amarella foram igualmente contestadas por Caldwell, Rush e muitos outros que tinham sido antes estrenuos defensores da doutrina da importação e do contagio.

Na celebre obra de La Roche, que abrange o estudo das epidemias de febre amarella desde 1699 até 1853, está ainda estampado o cunho d'estas ideias. A obra do Prof. Greensville Dowell é em relação á historia das epidemias n'esse paiz um complemento d'esta; estuda particularmente as do estado de Texas, mas abrange as estatisticas de todas as que teem apparecido na União Americana desde 1668 até 1874.

Por muito tempo continuou viva discussão sobre a questão essencial da transmissão da febre amarella, que parece hoje officialmente decidida na sciencia; d'um lado os anti-contagionistas, apegando-se á accepção restricta do contagio directo não julgavam explicavel a propagação da molestia, senão pela influencia de causas meteorologicas e telluricas; d'outro, contagionistas extremados cahiam no erro que censura La Roche ás autoridades sanitarias de Philadelphia na epidemia de 1820: «imbuidas como estavam da opinião da importação estrangeira da molestia, e descrendo da possibilidade de ser ella devida a causas locaes ou influida por ellas, parece terem desviado sua attenção quasi exclusivamente para os meios de impedir a introdução da febre do exterior, e desprezado os urgentes e obvios deveres do aceio domestico.»

O Prof. Dowell segue um meio termo razoavel e de accordo com os factos. Em sua opinião a molestia se

transmitte pelas pessoas e pelos objectos, infeccionando a atmospheria em certa extensão. Não bastam as materias organicas em decomposição, nem o calor e a humidade só por si para produzirem a molestia; ha além de tudo isto uma causa especifica, sui generis, de natureza animal, que procrea de preferencia nas cidades desaceiadas, onde abundam as materias organicas animaes em putrefacção.

Boston, New-York, Philadelphia, Baltimore, que foram outr'ora assoladas pela febre amarella, ficaram isentas d'este flagello, desde que construíram seus esgotos, com ampla e acieada canalisação, abasteceram-se de boa agua, e melhoraram a hygiene em geral, pela execução das medidas sanitarias.

A interpretação, muitas vezes pouco exacta, dos factos que denunciam o modo de transmissão da molestia, foi a causa das mais vehementes contestações. Reduzindo a questão a uma distincção subtil de palavras, muitos anti-contagionistas restringiam a significação do termo contagio á transmissão pelo contacto directo, e assim o tornavam inaceitavel para designar essa propagação rapida e extensa que se observa na febre amarella.

No importante capitulo em que o Prof. Dowell refere as observações de sua vasta pratica, passando em revista as epidemias desde 1844, com as reflexões criteriosas que lhe suggerio a experiencia, consigna os factos de importação da febre amarella no estado de Texas, especialmente na grande epidemia de Galveston, de 1867, e nas de 1870 e 1873, e termina profligando d'este modo ás distincções subtis com que se pretendem resolver estas questões positivas:

«Tenho as melhores razões para dizer que a febre amarella é sustentada pelas materias animaes em decomposição, e que qualquer lugar inteiramente livre d'ellas nunca teria uma epidemia de febre amarella. Os detritos animaes sustentam os germens e animalculos, e estes

em contacto com o sangue produzem uma fermentação.»

«A molestia propaga-se promptamente por pessoas, mercadorias, carros e navios. O corpo exhala a materia ou germen, que se transporta e multiplica-se na pessoa e pela pessoa; chamem a isso infecção, contagio ou o que quizerem.»

No maior numero dos relatorios, que concorrem a illustrar a obra do Dr. Dowell, se encontram ainda as provas da origem exotica e natureze contagiosa da febre amarella.

«Uma molestia, diz o Dr. Welsh em seu bem elaborado relatorio sobre a epidemia de 1873, póde não ser contagiosa na accepção propria do termo, isto é, communicavel pelo contacto pessoal de um corpo humano a outro, como a variola e o sarampo, e d'ahi comtudo não se segue que o germen ou *materia morbi* não possa ser transportado d'um lugar a outro em navios, carros de bagagens, caixas de mercadorias, ou nas roupas, e d'ahi possa se propagar.»

«A observação mostra que o veneno da molestia é mais communicavel, e existe em mais concentrada actividade na parte das grandes cidades mais densamente habitada, e mais mal ventilada, onde a população está agglomerada em desaceio e miseria.»

No relatorio de Kilpatrick vê-se que na epidemia de Navasota em 1867 a molestia alli foi levada de Galaeston pelo capitão Donnelly.

O relatorio de Pope sobre a epidemia de Marshall em 1873 mostra como a febre amarella alli foi transportada de Shreveport; e o caso da infeliz familia Ford, que recolheu refugiados d'aquella cidade infeccionada é um exemplo bem frisante da transmissão da molestia.

O relatorio de Coleman sobre a epidemia de Calvert em 1873 tambem sustenta com profunda convicção que o germen da febre amarella, a *materia morbi*, é levada de um ponto a outro pelos homens e pelos objectos,—que a

febre amarella foi introduzida em Calvert por Hughes, um refugiado de Shreveport: «Está na lembrança de todos como a febre foi introduzida em Nova-Orleans no dia 4 de Julho, directamente de Havana, e foi d'alli levada a Shreveport, e d'ahi a Memphis e a Calvert. Nenhum raciocinio fóra dos factos poderá jamais convencer-me de que a febre amarella é indigena, nos Estados Unidos, ou que um caso jamais originou-se dentro de seus limites.»

«O germen que constitúe o veneno especifico da molestia é indubitavelmente um animalculo, uma existencia organizada, viva, que exige certa quantidade de calôr e humidade, e provavelmente na atmosphaera materia vegetal e animal para seu sustento, e quando é importada a uma localidade onde a atmosphaera contenha estes ingredientes necessarios, propaga-se e espalha-se quasi com a rapidez do pensamento.»

«Posto que transportavel, diz Matthet em seu esboço historico das epidemia de Texas, nunca se espalha se não acha provisão abundante de alimentos para sustentar seus germens.»

A historia das epidemias de febre amarella occorridas aqui no Brazil, e as observações de grande maioria dos medicos, que assistiram a estas epidemias confirmam em relação a este paiz a origem exotica da molestia e não podem, cremos, admittir duvida sobre sua natureza contagiosa. E certo, porém, que os factos demonstram que a febre amarella não é simplesmente contagiosa, é antes infecto—contagiosa;—cada individuo atacado constitue-se um novo fóco de infecção, e a propagação da molestia não depende sem duvida somente da causa especifica, determinante, mas tambem das condições da da atmosphaera, que é o meio de transporte do agente morbigeno para outros individuos, e ainda mais, da receptividade ou susceptibilidade especial d'estes, que por sua vez é relativa á quantidade do agente toxico introduzido no organismo. As condições meteorologicas e

telluricas, assim como as predisposições individuaes, não são ahi senão causas occasionaes da epidemia; a causa determinante é unica, é o agente especifico, zymotico.

N'uma atmospherá carregada de detritos organicos, especialmente animaes, o germen da molestia parece encontrar pasto a seu desenvolvimento, e n'essa grande copia de elementos se reproduz como por um processo de fermentação, infeccionado o ar da localidade accommettida.

Se não são empregadas as medidas sanitarias preventivas da importação do agente morbifico, não cremos que as condições meteorologicas e telluricas, nem a hygiene d'uma localidade, como pretende o Dr. Dowell n'aquelle trecho que citamos, possam offerecer uma garantia absoluta contra a invasão da epidemia. A força cumulativa do agente morbigeno, augmentada em cada caso de importação, póde acabar por vencer as immu- nidades locaes e individuaes.

E' certo que nas grandes epidemias da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco em 1849 e 1850 notou-se que a molestia foi transportada para pontos do interior das provincias, chegando a transmitir-se ahi em pequena extensão, sendo fatal em alguns casos; e se estes fócios depressa se extinguiram, julgamos que foi provavelmente, não tanto por ser ser máo o combustivel para alimentar o incendio, mas porque a chamma não era impellida por novo sopro.

E' certo que na epidemia do Rio de Janeiro em 1850 os habitantes fugiam para Tijuca, Petropolis, Friburgo, etc., para escaparem á epidemia, e muitos levaram a molestia para estes pontos; fallecendo, porém, sem a transmittirem, ou pelo menos sem a espalharem, como affirmam Lallemand, Pennel, e muitos medicos brasileiros.

Os factos observados nos Estados Unidos mostram porém que a febre amarella póde desenvolver-se epidemicamente em lugares centraes e levados, que até

certo tempo pareciam isentos. A propagação parece depender da facilidade de communicações para o interior do paiz, facilidade que traz consigo a intensidade cumulativa dos germens importados, diante da qual desaparecem finalmente, não só as immunidades relativas, locais e climatericas, como as immunidades individuais, tão pouco absolutas como as primeiras.

Nas estatisticas publicadas pelo Prof. Dowell vê-se que foram assaltados por epidemias de febre amarella Fort Smith no Arkansas a 460 pés acima do nivel do mar; Louisville a 450 pés, em 1873; Nittany na Pensylvania, a 450 pés, em 1799; La Grange na margem do Colorado, a 450 pés, em 1867; St. Louis no Missouri, a 475 pés, em 1856; e Winchester, no estado de Virginia, a 700 pés, em 1804.

Das influencias meteorologicas ha uma em que se conhece, até certo ponto, uma acção absoluta, é a temperatura.

«Os germens da febre amarella, diz o Prof. Dowell, não podem viver abaixo de uma temperatura de 32° F ou zero centigrado, nem acima de 212° F ou 100° C., de sorte que ninguem pôde contrahir a molestia quando a temperatura esteja no gráo de congelação, e por outro lado pode-se desinfectar um navio, matar todo o contagio, limpá-lo e saneá-lo com fumigações n'uma temperatura de 212°.

Em muitos dos relatorios de que consta a obra do Prof. Dowell, poderíamos ainda por uma analyse minuciosa dos factos mostrar as provas da importação e do contagio da febre amarella, sem incorreremos n'aquella censura que indevidamente faz La Roche (pag. 264, vol. 2.º) aos contagionistas: «Nada embaraça um contagionista decidido, . . . tem sempre uma explicação prompta.»

Julgamos infundada esta censura porque, entre outros factos em que se apoia La Roche para fazel-a, en-

contramos o seguinte, que se refere ao Brazil, e que por isso aproveitamos a oportunidade para contestar.

Combatendo a doutrina do contagio e da importação da febre amarella, La Roche diz, em relação á epidemia de 1849 e 1850 no Brazil, o seguinte: «A febre amarella da Bahia, no Brazil, foi attribuida por muitos a um navio vindo de Baltimore, onde a febre não dominava n'essa estação! Por outros foi sem hesitação attribuida a um navio que tinha chegado do Canada! Outros, ainda, julgavam que veio n'um navio de Nova-Orleans, esquecendo que este navio tinha deixado os Estados-Unidos na estação do inverno. A febre do Rio de Janeiro começou em Fevereiro de 1850 a bordo d'um navio d'essa procedencia, e logo espalhou-se pelos outros navios e pela costa. Sem duvida este navio foi por presumpção considerado introductor da molestia, posto que partisse d'aqui no inverno, e não tivesse caso algum de molestia a bordo até a sua chegada ao Rio.»

Ha n'este trécho da obra do Sr. La Roche uma confusão de factos que convém rectificar.

Segundo o testemunho de clínicos notaveis d'aquella epocha e que acompanharam de perto a marcha da epidemia de 1849, a molestia foi importada por um navio americano vindo de Nova-Orleans, e irrompeo na parte da cidade, e em casa que frequentavam passageiros e tripolantes do mesmo navio.

M'William (On propagation of Yellow fever in Brazil, 1849, Med. Gaz. Vol. 47, pag. 866) e os Drs. Alexandre Paterson e John Paterson, então medicos residentes aqui na Bahia, encarregados do hospital britannico (Observations on the origin and nature of yellow fever as it appeared in Bahia, Brazil, 1849, 1850, Lond. Med. Gaz. Março, 1851) e nesta qualidade em contacto com os primeiros doentes de nacionalidade ingleza e americana, e portanto perfeitamente habilitados para acompanhar a invasão da epidemia desde os primeiros casos,

são accordes em sustentar a opinião, geralmente aceita da importação da molestia pelo brigue americano *Brazil*.

Segundo se lê n'um documento official, o relatorio do Presidencia da Provincia n'aquella epoca, este navio viéra de Nova-Orleans, chegára á Bahia em 30 de Setembro de 1849, e tivera a bordo doentes de febre amarella; o que confirmam as publicações dos medicos acima nomeados, e o testemunho do consul inglez, que M'William allega em sua descripção da propagação da febre amarella no Brazil.

A epidemia manifestou-se aqui em Outubro do mesmo anno, a principio nos navios ancorados no porto, e dentro em pouco estendeu-se pelo bairro maritimo ou cidade baixa, e depois por toda a cidade, com intensidade tal que em Janeiro de 1850, segundo documentos officiaes, tinha já atacado mais de 80,000 pessoas.

Da Bahia a molestia foi levada ao Rio de Janeiro por outro navio americano, a barca *Navarre*. D'ahi procede a confusão de La Roche; não foi o mesmo navio que transportou a molestia de Nova-Orleans para o Rio de Janeiro, como elle parece suppor; a importação foi primeiro á Bahia pelo brigue americano *Brazil* em 30 de Setembro, e da Bahia foi então levada ao Rio de Janeiro pela barca *Navarre* em 3 de Dezembro do mesmo anno.

Lallemant, insuspeito porque durante muitos annos sustentou a doutrina anti-contagionista (*Casp. Wochenschrift*, 1850) refere assim a invasão da febre amarella, a que assistio no Rio de Janeiro:

« Um navio americano *Navarre* sahio nos ultimos dias de Novembro da Bahia, entrou no Rio a 3 de Dezembro. Os marinheiros d'este navio moravam n'um quartirão immundo, e d'ahi procederam os primeiros doentes de febre amarella.»

Em sua « memoria historica das epidemias que tem reinado no Brazil » o illustrado Sr. Conselheiro Pereira Rego diz o seguinte: « Como quer que seja, é fóra de toda a duvida que os primeiros casos observados, ou antes

aquelles que precederam o desenvolvimento da epidemia, foram os de dez individuos, quatro vindos directamente da Bahia para aqui, e seis de pessoas que com elles communicaram, a saber, dous marinheiros da barca americana *Navarre*, chegada d'aquelle porto, que foram recolhidos ao hospital da Misericordia no dia 27 de Dezembro de 1849, quatro individuos que com elles moravam na taberna Frank, sita á rua da Misericordia, a mulher do mesmo Frank e seu caixeiro de nome Lenschau, um francez de nome Eugene Anceaux, chegado da Bahia havia 10 dias, e um marinheiro do vapor D. Pedro, vindo do mesmo lugar.»

M^rWilliam refere ainda a propagação da febre amarella pela costa do Brazil do modo seguinte (Canstatt's Jahresbericht, 1850, vol. 2^o pag. 286):

«Da Bahia (a 13^o de latitude sul) transmittio-se para o Norte, primeiro a Pernambuco (a 8^o de latitude Sul), saltando Maceió que só mais tarde foi infeccionado por um navio da Bahia. Em Março alcançou o Pará (a 1^o latitude Sul), saltando o Maranhão, Parahyba, Ceará; o Maranhão sustentou uma quarentena rigorosa, e os outros portos não tinham communicações com a Bahia, Pernambuco e Rio. Ao sul chegou ao Rio de Janeiro (23^o lat. Sul), antes que fosse infeccionado qualquer outro lugar entre a Bahia e o Rio, mostrando assim positivamente que sua propagação depende da frequencia de communicações com os lugares infectados, e não da proximidade da situação.»

Demoramo-nos um pouco em rectificar aquella ponto da obra do Sr. La Roche, porque julgamos de necessidade capital para a boa indicação das medidas preventivas do desenvolvimento da febre amarella entre nós, que fique bem elucidado que a molestia foi aqui importada em 1849, e que sua origem exotica e natureza contagiosa são demonstradas pela historia das epidemias do Brazil.

Podemos consignar como incontestaveis, e comproba-

torios da opinião que sustentamos, com a grande maioria dos medicos brasileiros, sobre a origem e natureza da febre amarella, os seguintes factos:

1.º A febre amarella foi importada ao Brazil em fim do seculo 17º, e desde essa epoca até 1840, isto é, durante mais de 150 annos, nem a mais ligeira epidemia de febre amarella appareceo no Brazil.

2.º Depois da epidemia de 1849 e 1850 reinou na Bahia esporadicamente em 51, 52, 53, e de 54 a 57 com character epidemico mais ou menos activo no ancoradouro, diminuiu em 58, recrudescio em 59 e 60, diminuiu em 61 e 62 e desapareceo completamente de 63 a 69.

3.º No Rio de Janeiro reinou com character epidemico em 1851, 52 e 53, esporadicamente em 54, epidemica de 57 a 61, desaparecendo então até 1868.

4.º O interregno da febre amarella de 61 a 68 no Rio de Janeiro terminou com uma nova importação da molestia pelo navio italiano *Creola del Plata*, vindo a 23 de Março de 1869 de Santiago onde grassava a molestia. O interregno na Bahia, de 1863 a 69 cessou com a importação pela corvêta italiana *Guiscardo* vinda do Rio de Janeiro (Vid. *Gazeta Medica da Bahia*, vol. 8º pag. 152.)

Não podemos comprehender que se a febre amarella fosse de origem local, como pretendem os anti-contagionistas; que se os germens, que nas epidemias se propagam com tanta rapidez, pudessem produzir-se aqui só por influencia das condições meteorologicas e telluricas em que vivemos, desaparecesse a molestia completamente, durante muitos annos, quando é sabido que estas condições geraes pouco variam entre nós, e que as condições hygienicas locaes são quasi immutaveis, porque são sempre pessimas.

Creemos, sem duvida, que a causa especifica, o germen da molestia, acha entre nós condições favoraveis para sua proliferação e propagação, mas estamos tambem convencidos pelos factos, que elle não se gera aqui espontaneamente, e que embora transplantado, chega a

extinguir-se no fim de alguns annos se novas importações não veem revigorar a semente.

N'estes pontos principaes temos o prazer de ver que a theoria que abraçamos sobre a origem e natureza da febre amarella, e que de accordo com a maioria dos medicos brazileiros, e com os mais notaveis clinicos nossos comprovincianos, temos sustentado mais de uma vez n'esta Gazeta, é plenamente cefirmada pelos factos e observações, tão copiosamente reunidos na obra do Prof. Greenville Dowell «the old veteran yellow fever physician» como o qualificou o Dr. Coleman; quando em seu relatorio agradece á Providencia, o terem elle e sua familia, atacados de febre amarella, cahido nas mãos de tão distincto medico.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA —

NOVO ACARIANO

Com esta epigraphie publicou o meu distincto collega e amigo, o Sr. Dr. Pedro S. de Magalhães, no *Progresso Medico* de 15 de Dezembro ultimo, um interessante artigo sobre um novo acaro por elle descoberto em Março do anno passado em urina clylosa, quando ainda se achava na Bahia, e sobre outros animalculos similhantes que encontrou, aqui e no Rio de Janeiro, em urina chylosa ou não, e até na propria agua potavel (da Carioca).

Com a materia d'este artigo occupa-se extensamente hoje nas paginas da *Gazeta Medica* o Sr. Dr. Silva Araujo; e eu nada teria que accrescentar ás suas reflexões, e aos factos para os quaes invoca o nosso distincto collaborador o meu testemunho, se o illustrado collega auctor d'aquelle artigo me não consagrasse uma nota que exige de minha parte algumas explicações.

Diz a nota o seguinte:

« Bem que o Dr. Silva Lima não mencione o meu achado nas observações que faz a respeito do artigo do Dr. Silva Araujo, estou convencido, todavia, que se lembrará do acariano que lhe mostrei, tendo apenas decorrido alguns mezes desde então para cá. Não me queixo do silencio do meu prezado mestre a respeito da minha descoberta, mas julgo dever fazer esta nota; de outro modo os leitores do *Progresso Medico* que tiverem visto os artigos dos Drs. Silva Lima e Silva Araujo poderiam fazer um juizo injusto e pouco favoravel da sinceridade do meu appello ao testemunho do illustrado redactor da *Gazeta Medica*. »

Agradecendo as expressões de benevolencia e de cortezia que sou forçado a transcrever aqui, respondo:

1. Que não mencionei o achado do Sr. Dr. Magalhães nas breves reflexões ao alludido trabalho do Sr. Dr. Silva Araujo porque, embora de ha muito se tenham encontrado acaros de envolta com as filarias microscopicas nas urinas chylosas, e, ha algum tempo a esta parte, na lymphá lactescente do escroto, esta associação de animalculos tão diversos tem sido considerada uma simples coincidência, e, por isso, destituída de interesse immediato para o assumpto de que eu tratava.

2. Que estou perfeitamente lembrado do acaro que o meu collega me fez o favor de mostrar em um preparado de urina chylosa, na epoca indicada, facto que referi ao Sr. Dr. Silva Araujo quando elle me mostrou na lymphá do seu doente um animalculo d'aquella mesma especie.

3. Que eu suppunha ter communicado n'essa occasião ao Sr. Dr. Magalhães, que não era a primeira vez que na urina dos chyluricos se encontravam acaros; e esta ommissão, que não sei explicar, mas que lamento sinceramente, deu motivo ao reparo que exprime a citada nota de meu collega.

É certo que mais de uma vez ouvi, e ouviram tambem outros medicos bahianos dizer o Dr. Wucherer, que em diversas occasiões encontrára nun arachnide nas urinas chylosas com filarias ou sem ellas, mas que julgava puramente casual esta associação, no mesmo liquido, de animalculos tão diversos em character, organização e modo de viver; e tão pouca importancia deu aquelle perspicaz observador a

este facto em relação á chyluria, que nem sequer de passagem o menciona, que eu saiba, nos escriptos que publicou sobre esta moléstia.

É igualmente certo que em algumas das conferencias micrographicas a que assisti em 1876 em casa do nosso collega o Sr. Dr. Almeida Couto, com os Srs. Drs. Pacifico, Monteiro de Carvalho, Victorino Pereira e outros, foram por vezes encontrados cadaveres de acaros nas urinas chylosas, as quaes eram um dos mais frequentes objectos dos nossos estudos em commum; mas, da mesma sorte que Wucherer, consideramos accidental a presença de taes animalculos, e sem relação com a chyluria e com as micro-filarias.

A existencia, portanto, d'estes arachnides em um ou outro preparado microscopico de urina chylosa, não é um facto novo, o que, entretanto, não quer dizer que o não seja o acaro descoberto pelo Sr. Dr. Magalhães, questão que só o minucioso exame comparativo de uns e outros poderá decidir.

É muito provavel que todos esses arachnides encontrados nas urinas, chylosas ou outras, na lymphá, e até na agua potavel sejam o acaro domestico, e que a circumstancia da sua presença n'estes liquidos unicamente, até ha pouco tempo, e ultimamente no de um hydrocele tambem, (facto do Sr. Dr. Paterson) alem de fortuita, dependa de elles não terem sido procurados nos meios em que vive de ordinario aquelle acaro. É o que tambem esclarecerá a observação ulterior.

Em uma gotta d'agua extrahida de um vaso que continha flores desde alguns dias, e na qual procurava com um microscopio d'algi-beira observar infusorios e rotiferos, encontrei eu tambem dous acaros vivos, no começo d'este mez; fluctuavam na convexidade da gotta. Esta agua era da fonte do Asylo d'alienados, onde fiz esta pequena observação casualmente em presença do Sr. Dr. Argolo, director do estabelecimento, e do respectivo pharmaceutico, os quaes viram tambem os acaros. Infelizmente não pude fazer mais minucioso exame d'estes animalculos, porque a gotta d'agua evaporou-se enquanto voltei a casa, e elles tinham-se evadido da lamina descoberta do pequeno microscopio.

Trago este facto incidentalmente como confirmação do que refere o Sr. Dr. Magalhães a respeito da agua potavel em que tambem en-

controu um acaro, e para corroborar a idéa de nada ter este animalculo com a chyluria, nem com as outras affecções nas quaes se teem achado as filarias de Wucherer, idéa que, aliás, assenta solidamente nos conhecimentos historico-naturaes dos acarianos, seus habitos de vida, etc.

Não é minha intenção attennar, nem de leve, com as precedentes considerações a gloria que com justiça possa caber ao meu illustrado amigo pelo seu descobrimento de um novo acaro; pelo contrario ambiciono ver sempre realçados o seu merecimento e provado zelo pelas investigações scientificas; o meu fim é unicamente dar-lhe as explicações reclamadas pela sua citada nota; e conto que ellas serão recebidas com a mesma cordialidade com que lh'as dá um apreciador do seu talento, e dos seus bons serviços á sciencia que cultivamos.

Janeiro 22, 1878.

Dr. *Silva Lima*.

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

OBSTETRICIA E GYNECOLOGIA

Tratamento da hemorrhagia post-partum por injeccões de agua quente no utero.—O Dr. Max Runge dá noticia de alguns casos, em que conseguiu sustar hemorragias, sobrevindo depois do parto, injectando no utero agua na temperatura de 38° a 41°, R. Em um delles, havião já sido infructiferamente empregadas a cravagem de ceuteio, a fricção do utero e a agua gelada.

Em outros, é verdade, não houvera previa applicação desses meios. Na temperatura de 40 grãos causa a agua dores intensas; torna-se supportavel a 38°. O autor accrescenta que não é completa a contracção, que se manifesta após a injeccão.

Goodell sobre a ruptura do utero.—No *American Supplement to the Osbtetrical Journal of Great Britain and Ireland*, de Agosto de 1877, refere o Dr. W. Goodell, da Philadelphia, o seguinte caso: «A Snra. O. H. deu á luz ha dois annos o primeiro filho, que foi extrahido a forceps, morto.

A 23 de Março de 1875, ás 10 horas da noite, começaram as dôres do segundo parto.

A's 9 da manhã seguinte, as dôres eram activas, quando chegou o Dr. Betts; achou o collo dilatado e rompeo as membranas. O cordão cabio em prolapso e a cabeça ficou na posição occipio posterior direita. As dôres, a principio fortes, ternaram-se fracas; a parturiente começou a vomitar e cabio em collapso; a face pallida e o pulso filiforme. O Dr. Betts fez chamar um medico visinho, que chegou ás 2 e $\frac{1}{2}$ da tarde. Uma hora depois de sua chegada o prolapso do cordão tinha sido reduzido, e foi applicado o forceps; as tracções por ambos os medicos foram infructiferas. Decidio-se praticar a versão, etherisou-se a parturiente, conseguiu-se trazer para baixo um pé; porém nada mais: as nadegas não desciam.

Eram então 6 horas da tarde quando foi chamado o Dr. Goodell. Chegando ás 11 achou a doente pallida e fraca; nenhuma hemorragia externa. Um exame revelou a ruptura do utero; a vagina estava cheia de intestinos: levando a mão ao utero Dr. Goodell achou este orgão tambem cheio de intestinos. O fêto estava na cavidade abdominal, e só pela palpação externa se podia sentir que estava sob o diaphragma. Os intestinos obstruam de tal modo as vias naturaes que o Dr. Goodell não julgou seguro tentar a extracção pela vagina. Decidio-se a laparotomia, mas enquanto se esperavam os instrumentos, Dr. Goodell fazendo outro exame, trouxe para baixo um pé; a cabeça não seguiu facilmente o tronco, posto que se empregasse a pressão supra-pubiana, e por isso o Dr. Goodell perfurou e extrahio. O cordão estava entre os intestinos, perto da columna vertebral; foi com a placenta facilmente removido.

Em todo este tempo não houve hemorragia. O Dr. Goodell tirou alguns coalhos do abdomen. A puerpera foi bem até o 4º dia; appareceram então vomitos; o abdomen tornou-se doloroso e tympanico.

Era evidente que havia septicemia. A tympanite e peritonite se tornaram mais manifestas, e ella morrreo no 9º dia depois do delivramento. O Dr. Goodell pensa que se fosse feita a laparotomia, ter-se-hia evitado o perigo da pressão supra-pubiana, que foi empregada para expellir a cabeça, e a parturiente teria melhores probabilidades em seu favor. Como Trask pensa elle que, quando o fêto se tem escapado para o abdomen, deve-se abandonar toda a ideia de delivramento pela vias naturaes e recorrer á laparotomia.

(*London Medical Record*—Dezembro.)

Metrite recorrente, seguida de nevralgia, curada pelo acido salicylico.—Ha 14 annos casou-se um moço, que apenas seis semanas antes se tinha restabelecido d'uma gonorrhéa intensa. A senhora era um typo de saúde e desenvolvimento physico. Dois mezes depois do casamento teve um ataque de peritonite pelvica, e depois d'isto nunca mais se restabeleceu completamente.

Quando a examinou pela primeira vez, o Dr. Noeggerath, que referio o caso á *New-York Obstetrical Society*, ella tinha metrite chronica, latero-versão direita e ovarios dolorosos. Dois annos depois do casamento deu á luz uma criança, e teve um ataque de perimetrite aguda, que foi seguida de hemicrania intensa, e *irritação espinhal*. Quatro annos mais tarde teve outra criança, e oito semanas depois do parto um ataque grave de peritonite pelvica.

N'este anno ficou de novo gravida, e duas semanas depois do parto soffreu de um ligeiro ataque de peritonite pelvica e novos ataques de nevralgia e hemicranca. As vertebraes cervicaes e primeiras dorsaes eram muito dolorosas á pressão. Todos os nervos lombares e dorsaes eram séde de nevralgia, e ella tinha dôres agudas nos braços, ante-braços e pernas.

Varios remedios foram experimentados sem resultado. Hontem, diz o Dr. Noeggerath, deram-se-lhe 20 grãos de acido salicylico e bicarbonato de soda de duas e de tres em tres horas alternadamente. Depressa ficou ella melhor, e está já livre de toda a dôr.

Foi a primeira vez, accrescenta, que deu este medicamento em nevralgias reflexas de origem ovarica, e pede a experiencia da *Sociedade* sobre esta materia. O medicamento produziu symptomas semelhantes aos do inchonismo.

(*American Journal of Obstetrics*, Outubro de 1877.)

NECROLOGIA

À MEMORIA DO PROFESSOR VON WUNDERLICH
pelo Dr. J. Remedios Monteiro.

Les bornes de la patrie sont supprimées, et nous pouvons reconnaître nos pensées, nos aspirations et nos espérances dans les pensées qui se développent au sein de la vie intellectuelle d'un étranger, dans les aspirations qui l'animent au travail et les espérances qui soutiennent son courage.

Dr. E. Cazelles.—La circulation de la vie par Jac. Moleschott—tom. 1^o pref. pag. XII—Paris 1866.

Ser medico é ter por patria o universo, e por amigo a humanidade.

A Universidade de Leipzig perdeu a 23 de Setembro, uma das suas celebridades com o fallecimento do professor von Wunderlich. O finado era professor de clinica medica e pertencia a esta Universidade desde 1830, para onde fôra chamado como successor do celebre Oppolzer.

Wunderlich deixou obras de grande merito, como o *Tratado de Pathologia e Therapeutica* em 6 volumes publicados em 1836 em Sultgart, e a da *Temperatura nas molestias*, que foi vertida para o francez pelo Dr. Labadie Lagrave, precedida de uma introdução do Dr. Jaccoud.

Germain Sée deu na *Gazette Hebdomadaire* de 26 de Fevereiro de 1853 circumstanciada noticia a respeito da primeira dessas obras, fazendo sobresahir a differença que existe entre a Pathologia de Wunderlich e a Encyclopedia de Virchow, as duas obras que alcançaram o privilegio, pelo seu elevado merito, de captar a attenção do mundo medico n'estes ultimos 16 annos.

O livro sobre a temperatura nas molestias serviu de roteiro a trabalhos e observações em diversas partes do mundo, bem como entre nós.

Com quanto de tempos immemoriaes se houvesse ligado grande importancia á elevação da temperatura do corpo nos estados pathologicos, e já na infancia da medicina a idéa de calôr prevalecesse no quadro symptomatico, como demonstram as diversas denominações

gregas e latina dadas á febre, estava-se ainda longe da verdade, porquanto o tacto só podia ministrar uma sensação variavel e incerta. Facilmente se reconhece os inconvenientes e erros a que conduziam semelhante modo de apreciar a temperatura humana.

Só depois do uso do thermometro se pôde chegar a certeza na verificação da elevação ou abaixamente do calor animal physiologico ou pathologico

Applicado o thermometro, embora de modo defeituoso, ao estudo das febres pelos Van Swieten, De Haen e outros, estava lançada a base em que se havia de elevar a thermometria moderna, e tornar o thermometro o companheiro obrigado do medico no diagnostico e tratamento de certas affecções.

Nos limitados conhecimentos em que estavam os antigos, era-lhes mui difficil chegarem ao gráu de certeza que hoje possuímos sobre este ponto. E como heiz diz o proverbio francez *ce n'est pas sur l'oreiller du doute que l'homme peut trouver le repos*, não fallaram intelligencias que trabalhassem pela resolução dos grandes problemas que os predecessores tinham deixado.

Haller, Hunter, J. Curry, fazem novas investigações. Mas só em 1851 começa, pode-se dizer a phase brilhante para a thermopathologia apezar dos trabalhos anteriormente feitos. A' escola allemã representada nesta questão por Traube, Barendsprung e Wunderlich cabe a gloria de haver elevado a thermometria ao alto gráu que ella devia devia attingir, pelos immensos auxilios que presta á clinica.

Começou Wunderlich em 1851 suas investigações thermometricas, publicando os resultados collidos em varios jornaes da época, até que mais tarde, em 1868, todas essas publicações foram reunidas e ampliadas em uma obra magistral, a primeira e a mais completa no seu genero até os nossos dias.

« Se é verdade diz o professor Jaccoud na introdução á obra de Wunderlich, que a escutação e a percussão inauguraram o diagnostico physico, não é menos verdade que a observação thermoscopica creou o diagnostico mathematico. »

No Rio de Janeiro, graças ao professor de clinica medica Dr. Torres Homem, foi que se principiou a cuidar em thermometria.

Este erudicto e distincto professor empenhou-se em incutir no espirito dos seus discipulos o gosto por este estudo tão necessario ao diagnostico, marcha e prognostico das diversas pyrexias que existem no paiz, dependentes umas da topographia e geologia da localidade, outras da indiferença da administração publica em extinguir os pantanos que existem mesmo dentro das nossas principaes cidades.

Desde 1868 que o Dr. Vicente Torres Homem se occupa de investigações thermometricas. Isto está consignado nas obras publicadas por este distincto professor ou nas dos seus discipulos.

Em 1871 os Drs. Julio Mario da Serra Carneiro e Castro Andrade; em 1874 os Drs. Francisco de Salles Aleixo Franco, João Baptista Kossuth Vinelli (these de concurso); em 1875 os Drs. Domingos d'Almeida Martins Costa e José da Cunha Ferreira Junior e outros posteriormente, sustentam theses sobre o valor das investigações thermometricas nas pyrexias e n'outras molestias que reinam no Rio de Janeiro.

Na escola de medicina da Bahia, e tambem se tem feito interessantes estudos sobre a thermometria clinica.

Em 1874 os Drs. Manoel José Ribeiro da Cunha e Camillò de Lelis Piedade sustentam theses em que a thermometria é a que estão principal; o primeiro no estudo do calor animal, o segundo na phthisica pulmonar.

Já anteriormente o talentoso Dr. Ribeiro da Cunha tinha publicado no seu—Estudo sobre a pathogenia do beriberi—Bahia 1874, o resultado de suas interessantes observações thermometricas nesta molestia tão commum infelizmente na cidade da Bahia.

Ultimamente em 1877 o Dr. Joaquim José da Silva Sardinha toma por assumpto de sua dissertação inaugural a thermometria clinica.

Si a litteratura medica do paiz não dispõe de maiores cabedaes em relação a thermo-pathologia e outros pontos medicos, é porque alguns dos nossos medicos que possuem grande somma de conhecimentos, de intelligencia, de factos, e vasto campo de observações nada tem produzido, com grave detrimento para a sciencia medica brasileira.

Entretanto quanta luz não podiam esses medicos ricos de saber esparzir sobre este e outros assumptos! E o paiz pede dedicações. E a pathologia brasileira ainda muitos problemas obscuros encerra em si!

Esta indiferença, quiçá desprezo, dos medicos ricos de saber, não pôde trazer outras consequencias senão esmorecer os que meditam rabalham e se afadigam com pesadissimos esforços, unicamente como tributo sincero que levam ao altar da sciencia e da patria, como protesto aos que accusam ser a actualidade caracterizada pela inercia e esterilidade, quando poderia ser a mais fecunda.

O professor Wunderlich falleceu com 63 annos de idade, depois de prolongada molestia, tendo prestado á sciencia e á humanidade

serviços que não precisam ser encarecidos para serem reconhecidos.

A perda que a Allemanha soffreu com a morte de tão notavel medico não podia deixar de ser sentida por outros paizes e igualmente por nós que tão promptamente acolhemos o seu livro sobre 'hermometria.

Bahia—Dezembro de 1877.

NOTICIARIO

O Conselheiro Zacharias.—Falleceo no dia 28 de Dezembro este eminente estadista, um dos vultos mais salientes do imperio no actual reinado.

Accompanhando o sentimento geral do paiz, manifestado por todos os orgãos da imprensa, a *Gazeta Medica* tem ainda o dever de render esta ultima homenagem áquelle que, ainda ha pouco tempo, mais uma vez pôz em relevo o seu talento brilhante, e sua eloquencia irresistivel, advogando uma causa, que era ao mesmo tempo o interesse do paiz e a dignidade da classe medica brasileira.

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
—Foi nomeado lente substituto da secção de sciencias medicas d'esta Faculdade o Sr. Dr. Nuno de Andrade.

Febre amarella.—O *Jornal da Bahia*, gazeta official d'esta provincia, publicou a 3 do corrente a seguinte noticia:

«A bordo do vapor allemao *Santos*, entrado do Rio de Janeiro, onde reina a febre amarella, falleceu d'essa molestia um passageiro, cujo cadaver foi com as devidas cautelas conduzido para terra e sepultado.

Existindo a bordo tres pessoas affectadas da epidemia, foram dadas as providencias necessarias afim de serem ellas transportadas para o hospital de Mont-Serrat.»